

O MÉTODO MISTAGÓGICO APLICADO À FORMAÇÃO LITÚRGICO-MUSICAL: DO NORMATIVO AO CIENTÍFICO

Márcio Antonio de Almeida*
Profa. Dra. Dorotea Machado Kerr**

RESUMO: Este trabalho propõe-se a descrever o método mistagógico voltado à formação litúrgico-musical de ministros leigos da igreja católica romana. A análise de letras e melodias do repertório litúrgico-musical dos Hinários Litúrgicos da CNBB debruça-se sobre três aspectos basais conforme a literatura especializada: os sinais sensíveis (texto, melodia e contexto); a raiz bíblica da ação ritual; e o canto como fato de experiência. A conjugação desses três aspectos favorece uma introdução ao mistério celebrado na ação ritual que define o termo mistagogia. Desta forma, o emprego do método mistagógico, com ênfase no estudo da música ritual, pretende subsidiar uma formação que garanta, na liturgia, a participação plena, ativa e consciente almejada pela Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Ecumênico Vaticano II.

PALAVRAS-CHAVE: música ritual; mistagogia; método mistagógico; liturgia; igreja católica romana.

INTRODUÇÃO

O conceito de música ritual da Igreja Católica Romana, mesmo sob o efeito das reformulações históricas, conserva por força de sua origem e conforme a renovação litúrgica do *Concílio Ecumênico Vaticano II*, o axioma “música, serve da palavra”. Os Padres da Igreja e seus escritos dos séculos I ao IV, devotam ao canto a responsabilidade pelo louvor e a unidade da assembléia que celebra o mistério pascal de Cristo comunitariamente (BAZURKO, 2006).

Documentos sobre música e liturgia publicados durante o século 20 apresentam o caráter transitivo do conceito de música ritual. No entanto, a música como parte integrante da ação ritual parece ser o aspecto mais evidente na formulação de tais documentos, ou seja, desde *motu proprio Tra le sollecitudini* de Pio X (1903) ao *Quirógrafo sobre a Música Litúrgica* de João Paulo II (2003). Essa revisão documental permitirá, além de confrontar diferentes conceitos relacionados à música no âmbito da liturgia da Igreja Católica Apostólica Romana, justificar a especificidade do conceito de música ritual para aplicação em estudos científicos voltados ao objeto em questão.

Além focar os aspectos conceituais, esta comunicação tem por objetivo investigar o método mistagógico adaptado à música ritual, conforme proposto por Buyst (2006) com ênfase sobre três elementos: “sinais sensíveis” (texto, melodia e contexto); “cantar com inteligência” (raiz bíblica); e “fato de experiência”. Tais elementos serão identificados em letras e melodias selecionadas dentre os quatro fascículos do *Hinário Litúrgico*¹ da CNBB, com vistas ao desenvolvimento de estratégias de formação litúrgico-musical para ministros leigos.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Unesp (almajm@ig.com.br)

** Professora livre-docente, Instituto de Artes da UNESP.

¹ O Hinário Litúrgico foi projetado pela Comissão de Liturgia da CNBB em quatro fascículos: 1) Advento, Natal e Ordinário da Missa (1985); 2) Quaresma, Semana Santa, Páscoa e Pentecostes (1986); 3) Domingos do Tempo Comum Anos A, B e C (1990); 4) Sacramentos, Comum dos Santos, Missas para diversas necessidades (1997).

Neste texto, pretende-se apresentar os resultados parciais da pesquisa *Música ritual na igreja católica romana: o método mistagógico e a formação dos ministérios litúrgico-musicais*, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Música do IA/UNESP.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para discorrer sobre o método mistagógico convém conceituar o termo mistagogia a partir de seu significado no campo teológico e de sua origem histórica, com base nos escritos dos Padres da Igreja, durante os quatro primeiros séculos do Cristianismo. A descrição, o resgate e a apropriação do método para a música ritual, pretendem dar respostas qualitativas à formação litúrgico-musical dos ministros, não somente pela interação dos elementos acima, mas também, para expressar uma ação ministerial baseada no axioma *lex orandi lex credendi*².

Mistagogia, ação de guiar para dentro do mistério, é um termo derivado da língua grega que se compõe de duas partes: *Mist-* (mistério) e *-agogia* (conduzir, guiar). Mistério, por sua vez, vem de *muein*, que significa fechar a boca, calar-se, ser iniciado. Segundo Buyst (2007), é necessário que sejamos ‘iniciados’ no mistério, não somente com palavras, mas principalmente através de ações simbólicas, através de ritos [...] que têm esta função mistagógica de nos conduzir para dentro do mistério. [Na liturgia], cada palavra, cada gesto, cada movimento... ‘contém’ o mistério e nos faz mergulhar nele: no mistério de Deus, no mistério da vida, no mistério da história, em nosso próprio mistério (p. 26).

Sánchez (2007) afirma que a liturgia é “o momento adequado para entrar em contato com o mistério salvador de Deus, o mistério de Cristo, chamado a transformar nossa vida” (p. 443). Nesse sentido, pode-se dizer que a liturgia é mistagógica.

Para o método mistagógico, não basta ter um conhecimento intelectual de Cristo e sua proposta, nem tampouco assumir propostas de conduta moral do cristianismo. Além disso, a liturgia deve ser entendida como cume e fonte da ação da Igreja (cf. SC 10); não somente como uma sucessão de ritos formatados e colados entre si e que no todo não transparecem o evento fundador, mas “como celebração memorial de Cristo, morto e ressuscitado, pois na ação ritual se expressa o mistério pascal de Cristo. Assim, ao constituir-se em ação sacramental, a liturgia (sinal e instrumento), “não apenas explicita o mistério de Cristo, mas o realiza em nós” (TABORDA, 2005; BUYST, 2006).

Os Padres da Igreja³, em seus escritos catequéticos referem-se à mistagogia como

Um ensinamento ordenado a fazer compreender o que os sacramentos⁴ significam para a vida, mas supõe a iluminação da fé que brota dos próprios sacramentos; o que se aprende na celebração ritual dos sacramentos e o que se aprende vivendo de acordo com o que os sacramentos significam para a vida (MAZZA apud SÁNCHEZ, 2007, p. 443).

Recentemente, D’Annibale (2007) refere-se à mistagogia como uma função comunicativa da liturgia pois “conduz diretamente a uma profunda penetração no mistério” (p. 362) por meio de símbolos sacramentais, por exemplo, água, óleo, pão, vinho, canto e música. Segundo ele, essa função comunicativa da liturgia pede uma iniciação – objetivo das catequeses mistagógicas – uma vez que “estamos diante de símbolos que, embora tenham alcance universal, nunca revelam a totalidade do conteúdo, nem sequer aos já iniciados” (id.).

² A norma da oração é a norma da fé.

³ Em especial, Ambrósio de Milão (+ 397), Teodoro de Mopsuéstia (+ 428), João Crisóstomo (+ 407), Cirilo de Jerusalém (+ 386) e Agostinho de Hipona (+ 430).

⁴ Batismo, Confirmação e Eucaristia.

Sartore (1992), apud Sánchez (2007), distingue três elementos no método mistagógico: “a valorização dos ‘sinais’ (gestos, palavras) logo que experimentados; a interpretação dos ritos à luz da Bíblia, na perspectiva da história da salvação; abertura ao compromisso cristão e eclesial, expressão da nova vida em Cristo” (p. 444). Outros autores, consideram que este último elemento pode ser traduzido pelo hoje do acontecimento salvífico que define a ação ritual.

O estudo sobre os escritos dos Padres da Igreja revelou que a catequese mistagógica desses padres, partia exatamente do que os “os fiéis haviam vivenciado na celebração para desentranhar [...] o sentido do sacramento” (TABORDA, 2005) e não da teoria sobre a eucaristia e os sacramentos. Para tanto, estabeleceram-se os cinco passos do método mistagógico (MAZZA, 1996; TABORDA, 2004; 2005), conforme abaixo:

- I- Descrição do rito, gesto, ação ou formulário litúrgico.
- II- Identificação nas Sagradas Escrituras da passagem (ou passagens) que explicita a salvação que se celebra no rito em questão.
- III- Aprofundamento do evento salvífico narrado no(s) texto(s) escolhido(s), de forma a mostrar, com recurso a outros textos e à reflexão teológica, seu significado para a salvação.
- IV- Retorno ao rito, aplicando a ele o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é, assim, interpretada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta.
- V- Explicitação do dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental, recorrendo à gama de termos específicos para designar a dinâmica sacramental.

As Sagradas Escrituras, os escritos patrísticos e o Magistério da Igreja insistem na importância do canto e da música como elementos intrínsecos à liturgia (cf. SC n. 112). Importa cantar a liturgia, pois tais elementos “estão previstos nos livros litúrgicos, com textos próprios para cada momento ritual, cada tempo litúrgico e cada tipo de celebração” (BUYST, 2006). Deste modo, a escolha de cantos para a liturgia tende a seguir critérios objetivos, razão pela qual se insiste na formação litúrgica dos ministros. As estratégias de formação poderão ser aplicadas tanto para dotar o ministro de um mínimo de conhecimento musical para trabalhar com música na liturgia ou, no caso de pessoas com conhecimento musical, o desafio recai sobre a formação do ministério na liturgia, ou seja, “uma formação litúrgica, teológica e espiritual adequada para poder vivenciar o mistério celebrado, e dessa forma, ajudar a comunidade a entrar no mistério e ser transformado por ele”(id).

Preocupada com os componentes dessa formação é que Buyst (2006) encontra, na dinâmica da catequese mistagógica dos Santos Padres, no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), no método de meditação litúrgica (*lectio divina*⁵) e, por fim, em elementos do chamado ‘laboratório litúrgico’⁶, a inspiração suficiente para propor um caminho mistagógico que assegure, com relativa redução de tempo e recursos, um exercício ministerial qualificado na comunidade.

O caminho mistagógico para o estudo da música ritual, de acordo com Buyst (2006), apresenta, em relação ao exposto por Taborda (2005) e Mazza (1996), basicamente três passos didaticamente propostos.

⁵ Método institucionalizado nos mosteiros durante os séculos V e VI, para leitura pessoal ou comunitária das Sagradas Escrituras. A apreensão do texto se dá por meio de quatro degraus: ler, meditar, orar e contemplar (cf. BUYST, 1994; COLOMBÁS, 1996; CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS, 2001; CARPANEDO, 2006).

⁶ Segundo Baronto (2000) o laboratório litúrgico é uma técnica de ensino para a liturgia que se baseia na ação. Aprende-se fazendo. É pelo exercício consciente do gesto, do rito, da ação simbólica que se chega a uma autêntica expressão (fazer), coerente com o seu significado (saber) e portador de uma atitude interior (sentir).

- I- Descrição e análise da ação ritual: desvelar os sinais sensíveis da música ritual: texto, melodia, texto e melodia e contexto litúrgico.
- II- Aprofundar o acontecimento da salvação celebrado na ação ritual, e sua raiz bíblica: localizar nas Sagradas Escrituras uma ou várias passagens que explicitam a salvação celebrada na ação ritual e aprofundar o sentido teológico desse acontecimento de salvação à luz da realidade. A condição para se cantar com inteligência é que a mente “compreenda aquilo que a voz canta”.
- III- Experiência da salvação acontecendo para nós, hoje, na e a partir da ação ritual: No retorno à ação ritual, o canto, para que cumpra seu papel, deve ser entendido e vivido como fato de experiência (cf. BAZURKO, 2005). O que o canto anuncia deve acontecer para nós e em nós na ação litúrgica e na ação memorial. É preciso interiorizar o rito e “vivenciar a ação ritual espiritualmente, incorporando o canto, deixando que nos transforme”.

Taborda (2004) se refere ao caminho mistagógico como resposta aos desafios atuais⁷: “uma cultura secularizante, paradoxalmente atraída pelo religioso com o objeto de consumo e descrente das grandes sínteses” (p. 598).

para que o cristianismo retome o caminho da mistagogia trilhada nos primeiros séculos pelo Padres da Igreja, será preciso que vença as tentações decorrentes dos três aspectos da pós-modernidade antes mencionados: a tentação de secularizar-se; a tentação de oferecer da riqueza de sua tradição o que possa ser objeto de consumo ou dar à grande tradição cristã um invólucro que a torne objeto cobiçado para consumo das massas; a tentação de renunciar à teologia como explicação totalizante, contentando-se com os fragmentos (TABORDA, 2004, p. 599).

Nesta perspectiva, o retorno às fontes nunca é um anacronismo quando se faz numa perspectiva hermenêutica, isto é, “com o olhar no presente que permita iluminá-lo através de uma ‘fusão de horizontes’⁸” (ibidem, p. 597).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os resultados parciais da pesquisa envolveram os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Descrição do método mistagógico em estado original conforme Mazza (1996), Taborda (2004; 2005) e Sartore e Triacca (1992);
- b) Análise dos documentos do Magistério da Igreja acerca do canto e da música na liturgia, mormente no processo de renovação conciliar;
- c) Descrição e avaliação do método mistagógico adaptado à música ritual proposto por Buyst (2006);
- d) Seleção de textos e melodias dos quatro fascículos do *Hinário Litúrgico* da CNBB conforme os critérios de escolha e criação do repertório litúrgico-musical sugeridos pela *Sacrosanctum Concilium* (1963) e demais documentos, a saber, *Instrução Musicam Sacram* (1967), *Pastoral da Música Litúrgica no Brasil* (Documentos n. 7, 1976), *Animação da vida litúrgica no Brasil* (Documento n. 43, 1989), *Estudo sobre os cantos da missa* (Estudos n. 12, 1976), *A música litúrgica no Brasil* (Estudos n. 79, 1998) e a obra *Música Brasileira na Liturgia* (com os textos e conclusões dos Encontros Nacionais de Música Sacra de 1965 a 1968);

⁷ Síntese do autor a partir da obra LIBÂNIO, J. B. **Olhando para o futuro**: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

⁸ Clássica expressão de Hans Georg Gadamer, segundo o autor.

- e) Análise dos textos e melodias de conformidade com o método mistagógico, com destaque aos sinais sensíveis (texto, melodia e contexto); à raiz bíblica da ação ritual e ao canto como fato de experiência.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os “sinais sensíveis” próprios da música ritual são determinantes na definição de critérios de escolha do repertório litúrgico-musical. Para garantir a adequação desse repertório, utiliza-se como referência o tempo do Ano Litúrgico em seus três ciclos A, B e C.

Primeiro, procede-se a uma espécie de mapeamento “sintagmático” a fim de encontrar relações sintáticas e semânticas. Nesse momento são ressaltados aspectos que evidenciam a primazia do texto. Observa-se o conteúdo e forma literária, a construção do texto, o ritmo e as imagens simbólicas. O tempo e o modo verbais, bem como a ordem dos elementos da sentença, são traduzidos no discurso e são igualmente passíveis de interpretação e análise.

Em segundo lugar, analisa-se a música (melodia, ritmo, dinâmica e tempo) em relação ao texto a fim de desvelar uma simbiose¹⁰ capaz de expressar “o sentido teológico e a espiritualidade própria a cada celebração, a cada tempo litúrgico, levando em conta o momento ritual” (BUYST, 2006, p. 22). Segundo Vernoi¹¹ (2001, p. 146), são esses elementos que “determinam a tensão e o repouso do conjunto e [...] dão à obra uma função mais objetiva”.

Por último, vale ressaltar que a música ritual possui um contexto litúrgico, pois se realiza em interação com os demais elementos rituais da celebração, ou seja, “a assembléia e seus ministérios, as leituras bíblicas, as orações, os símbolos e ações simbólicas, as atitudes e movimentos, a própria estrutura e dinâmica da celebração” (BUYST, 2006; CNBB, 2006).

São esses sinais, que à primeira vista, garantem o sentido e a unidade da música ritual no contexto celebrativo. Essa constatação introduz a diferença entre “cantar a liturgia” e “cantar na liturgia”. Enquanto esta insere a obra musical sem compromisso com o momento ritual – parcelamento do rito – aquela relaciona-se ao todo da celebração e denota a intencionalidade de cada momento ou ação constituintes.

Ainda nesse processo de decifração da música ritual focalizada numa dada ação, percebe-se a necessidade de aprofundar o acontecimento de salvação por meio da identificação de sua raiz bíblica. Tal etapa do caminho mistagógico permite confrontar-se com o sentido teológico explicitado pelo evento bíblico e sua conseqüente interpretação da realidade, do hoje. Deste ponto, há a emergência de um outro conceito – cantar com inteligência. Bazurko (2005) o traduz a partir dos escritos de Agostinho de Hipona quando escreve “nossa mente compreenda e acompanhe aquilo que a voz canta”.

A última etapa do caminho mistagógico refere-se à experiência da salvação acontecendo para nós, hoje, na e a partir da ação ritual. Há um retorno à ação ritual para conceber o canto na liturgia como fato de experiência (cf. BAZURKO, 2005, p. 23), ou seja, aquilo que o canto anuncia “deve acontecer para nós e em nós na ação litúrgica, pela realização da ação memorial” (BUYST, 2006, p. 23). Assim, não basta cantar tecnicamente bem ou acompanhar e compreender o que se canta como algo externo. “É preciso entrar

⁹ De sintagma. Cada um dos elementos que compõem uma sentença.

¹⁰ Conceito tomado de empréstimo. Associação de dois seres vivos que vivem em comum. (Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999).

¹¹ Pesquisador belga. Tradução livre do neerlandês pela liturgista Ione Buyst, em parceria com o autor.

pessoalmente dentro do rito e vivenciar a ação ritual [...] in-corpo-rando o canto, deixando que nos transforme...” (id.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium* (SC), do Concílio Ecumênico Vaticano II, afirma-se que a música será tanto mais litúrgica quanto mais intimamente ligada à ação litúrgica (SC n. 112). Como parte necessária ou integrante da liturgia, é chamada a ser expressão simbólico-sacramental do mistério da salvação, pois por meio da música, e seus sinais sensíveis (texto, melodia e contexto), é significada e realizada a glorificação de Deus e a santificação dos fiéis (SC n. 10).

Documentos recentes têm diagnosticado a coexistência de lacunas e avanços na música ritual (CNBB, 1976a, n. 1.1-1.2; 1989, n. 1-46). A lacuna que mais se afina ao objeto desse estudo diz respeito à formação litúrgico-musical dos ministros. Nesse aspecto, tem-se identificado um descompasso teórico, metodológico e prático que dificulta a implementação de um processo de formação contínua e consistente para os ministérios litúrgico-musicais.

A *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* e a Instrução *Musicam Sacram* (MS, 1968) propõem a criação de comissões compostas por especialistas em liturgia e música (SC n.46). Uma das atribuições dessa comissão seria “promover em conjunto a ação litúrgica” (id. n. 45), implementar cursos de formação litúrgico-musical e capacitar os agentes de pastoral para o exercício qualificado e consistente de seu ministério (id. n. 115). Tal processo de formação consiste em identificar critérios de criação e escolha do repertório litúrgico-musical e transmitir conhecimentos essenciais sobre a música ritual (id. n. 29).

O método mistagógico propõe um equilíbrio entre o que seja formação teórico-prática e os aspectos rituais da celebração litúrgica, de modo que a experiência seja significada pelo que se canta, toca, ouve, celebra. Há, no método, uma perspectiva que ultrapassa a simples operacionalidade ministerial. Os ministros da música ritual, no contexto religioso, exercem sua ação transformadora aderindo a valores relativizados pela pós-modernidade – segundo Tabora (2004) - alteridade, transcendência, “obediência” à Palavra e outros conceitos basilares do cristianismo.

ABSTRACT: The purpose of this paper is describe mistagogic method applied to liturgical and musical formation for roman catholic church ministries. Analysis of texts and melodies from liturgical and musical repertories will be performed on three aspects: sensitive signs (text, melody and context); biblical root of ritual action; and singing as fact of experience. The conjugation of these aspects can introduce congregation in celebrated mistery in ritual action (mistagogy). Therefore, mistagogic method applied to ritual music intend to assist a formation to plenty, active and conscious participation desired for the Constitution of Sacred Liturgy of Council Vatican II.

KEYWORDS: ritual music; mistagogy; mistagogic method; liturgy; roman catholic church.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. C. et alii. **Música brasileira na liturgia**. São Paulo: Paulus, 2005.

ALCALDE, A. **Canto e música na liturgia**: reflexões e sugestões. São Paulo: Paulinas, 1998. (Coleção Liturgia e Participação)

BARONTO, L. E. P. **Laboratório litúrgico**: pela inteireza do ser na vivência ritual. São Paulo: Salesiana, 2000.

BAZURCO, X. **O canto cristão na tradição primitiva**. São Paulo: Paulus, 2005.

BUYST, I. Mistagogia: o que é isso? **Revista de Liturgia**. São Paulo, ano 34, n. 200, p. 26, mar.-abr. 2007.

_____. Música ritual: uma entrada para o mistério do rito à teologia e à espiritualidade. **Revista de Liturgia**, São Paulo, ano 33, n. 195, p. 21-23, mai.-jun. 2006.

_____. **O mistério celebrado**: memória e compromisso I. São Paulo/Valencia: Paulinas/Siquem, 2003b. (Coleção Livros Básicos de Teologia, 9).

_____. **Pesquisa em liturgia**: relato e análise de uma experiência. São Paulo: Paulus, 1994.

CARPANEDO, P. **Ofício divino da comunidades**: uma introdução. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção rede celebra, 9).

CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. **Leitura orante da bíblia**: roteiros para reflexão XII. São Leopoldo/São Paulo: CEBI; Paulus, 2001.

COLOMBÁS, G. M. **Diálogo com Deus**: introdução à “Lectio Divina”. São Paulo: Paulus, 1996.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1998. (Estudo da CNBB, 79)

_____. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1991. (Documento da CNBB, 43).

_____. **Canto e música na liturgia**: princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos. 2. ed. Brasília: CNBB, 2006.

_____. **Estudo sobre os cantos da missa**. São Paulo: Paulinas, 1976a. (Estudos da CNBB,

_____. **Hinário litúrgico**: domingos do tempo comum, anos A. B e C. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2002. (fascículo, 3).

_____. **Pastoral da música litúrgica no Brasil**. Paulinas: 1976b. (Documento da CNBB n. 7)

CONSTITUIÇÃO Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. In: **Compêndio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

D’ANNIBALE, M. A. A comunicação nas celebrações litúrgicas In: CELAM. **Manual de liturgia**: a celebração do mistério: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da igreja. São Paulo: Paulus, 2007. p. 358-384 (Manual de Liturgia; 4).

DOCUMENTOS da Igreja. **Documentos sobre a música litúrgica**. São Paulo: Paulus, 2005.

INSTRUÇÃO da Sagrada Congregação dos Ritos Musicam Sacram sobre a música na liturgia. In: **Documentos da Igreja**. Documentos sobre a música litúrgica. São Paulo: Paulus, 2005. p. 155-178.

MAZZA, E. Riflessioni conclusive. In: MAZZA, E. **La mistagogia**: le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo. Roma: C.L.V. Edizione Liturgiche, 1996. cap. 7, p.193-214.

RITUAL ROMANO. **Ritual de iniciação cristã de adultos**. São Paulo: Paulus, 2001. (Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica)

SÁNCHEZ, V. A liturgia como fonte de espiritualidade cristã. In: CELAM. **Manual de liturgia**: a celebração do mistério: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da igreja. São Paulo: Paulus, 2007. p. 421-444 (Manual de Liturgia; 4).

SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Org.) **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

TABORDA, F. Da celebração à teologia: por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 255, p. 588-615, jul. 2004.

TABORDA, F. Da liturgia à catequese: por uma catequese mistagógica dos sacramentos. **Revista de Liturgia**, São Paulo, ano 32, n. 192, p. 4-7, nov.-dez. 2005.

VERNOOIJ, A. Musiceren en luiteren. In: BARNARD, M.; POST, P. **Ritueel bestek: antropologische kernwoorden van de liturgie**. Zoetermeer: Uitgeverij Meinema, 2001. p. 145-154.